

Para Sarney, agora é diferente

Brasília — O presidente José Sarney entende que a iniciativa do governo brasileiro de suspender o pagamento dos juros da dívida externa não tem precedentes. Na sua opinião, a moratória de agora é completamente diferente daquela feita em 82, quando o país teve que fazer um acordo a partir de pressões externas.

O porta-voz do Palácio do Planalto, Frota Neto, explicou que essa posição do presidente foi manifestada depois de um contato telefônico ontem pela manhã com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. O ministro se preparava para embarcar da Itália para o Japão, quando telefonou a Sarney, relatando-lhe os entendimentos feitos até agora e o roteiro que pretende fazer no Japão.

Posição intermediária

A posição italiana de se mostrar mais flexível às reivindicações brasileiras é explicada pelo fato de o Brasil ter negociado com aquele país créditos de governo a governo, como explicou ontem um funcionário do governo de Roma.

— Nós temos uma posição intermediária, não tão dura quanto a dos ingleses e os holande-

ses, mas que não é completamente favorável a uma moratória pura e simples — explicou a fonte.

Na versão desse funcionário, a Itália experimenta, com relação ao Brasil, posição bastante delicada. Considera o país um caso especial, mas não pode aprofundar o apoio ao governo Sarney como gostaria pelos compromissos firmados com as sete principais nações industrializadas que compõem o Clube de Paris.

— Nosso princípio é o de discutir abertamente, mas fica claro que não podemos aceitar uma moratória unilateral por parte do Brasil — explicou a fonte.

No ano passado, durante as negociações preliminares com o Clube de Paris, a Itália demonstrou boa vontade com os brasileiros. Hoje, considera-se pouco provável que o governo italiano venha a servir de intermediário em negociações com outros países europeus de estilo mais rígido, como a Inglaterra, Alemanha e Holanda. Fazer a ponte entre o ministro Dilson Funaro e esses governos é hipótese remota, por enquanto.